



RESENHA:

“Violações de direitos e danos ao projeto de vida no contexto da mineração” [André L. F. Freitas Dias & Lucas Furiati de Oliveira; São Carlos (SP), Editora Scienza, 2018, 210 páginas]

por **Luiz Alex Silva Saraiva**¹

De autoria de André Luiz Freitas Dias e Lucas Furiati de Oliveira, que atuam na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, o livro “Violações de direitos e danos ao projeto de vida no contexto da mineração” [São Carlos (SP), Editora Scienza, 2018, 210 páginas] é oriundo de um trabalho extensionista junto a famílias de um distrito do município de Conceição do Mato Dentro, em Minas Gerais. A obra, ao invés de ser fruto de um projeto de pesquisa convencional, é resultado de um programa de extensão, o Polos de Cidadania, um dos mais bem-sucedidos da UFMG, uma iniciativa de “... extensão, ensino e pesquisa social aplicada voltado para a efetivação dos direitos humanos, por meio do fortalecimento de autonomias individuais, coletivas e políticas, da inclusão e da emancipação de grupos sociais com trajetória de exclusão e vulnerabilidade social”¹.

A obra se inicia com uma apresentação do programa de extensão que o origina, deixando clara sua afiliação político-intelectual. O olhar dos autores se volta para a mineração e seus complexos impactos para além da economia, o que merece ser analisado com cautela, ainda mais após os crimes ambientais recentemente ocorridos em Mariana e em Brumadinho, que reacenderam as críticas ao potencial destrutivo do setor.

*Originais recebidos em
16 de dezembro de 2019*

*Aceito para publicação em
02 de abril de 2020*

1
Universidade Federal de Minas
Gerais - UFMG.

saraiva@face.ufmg.br

Os autores, a partir de uma pesquisa-ação que tinha como propósito apresentar os principais problemas gerados aos moradores da Cabeceira do Turco decorrentes da instalação e operação do complexo minerário Minas-Rio, verificaram que se estabeleceu um 'terrorismo de mercado' pela empresa em toda a região. A partir dos caminhos metodológicos traçados, eles fazem uma caracterização bastante detalhada de três famílias da região, não se escondendo por trás do método científico. Procuram, a todo o momento, humanizar a relação com essas pessoas, mostrando que são homens e mulheres do campo que tem direito à cidadania como qualquer outro brasileiro, mas que vivenciam um contexto de forte revés social, em função de residirem em uma região de interesse econômico de uma grande empresa mineradora e, por isso, vivenciam desdobramentos danosos ao seu modo de vida, subordinado aos interesses do capital.

Em seguida, o livro trata dos danos sofridos pela pelas famílias, discutindo o conceito de dano e as implicações sobre o processo de acompanhamento dos conflitos socioambientais na região. Os autores se debruçam sobre a noção de dano ambiental, diferenciando-a tanto do conceito de impacto ambiental, quanto do de dano moral. Discorrem, além disso, a respeito de em que medida esses dois tipos de dano se desdobram em prejuízos ao projeto de vida das pessoas que ali estão. Na última parte, o livro apresenta uma análise bastante detalhada sobre a mudança do modo de vida, das maneiras de trabalhar, e das formas de geração de trabalho e renda. A chegada de um grande empreendimento industrial a uma região de forte tradição rural altera de forma brutal as formas de existência, tanto ao tornar o governo subnacional como refém dos benefícios que a empresa traz, especialmente no que se refere ao nível de emprego e renda, como por construir uma noção de dependência dos sujeitos. Estes passam a não ver alternativa a não ser abandonar sua forma de vida anterior, para ingressar inadvertidamente naquilo que lhes é apontado como o único caminho, o do "progresso" (Saraiva, 2017; Lamoso, 2017; Zhouri, 2018). Isso já aconteceu mais de meio século atrás em Itabira, também em Minas Gerais, e foi objeto de estudos diversos, que demonstraram que progresso econômico, principalmente no setor de mineração, não rima automaticamente com justiça social (Rezende, 2016).

O grande mérito do livro é demonstrar que a extensão é um caminho potente para geração de conhecimento, e só por isso esta obra merece ser objeto de aplausos por parte daqueles que entendem a universidade para além do ensino e da pesquisa. Além disso, este livro vem em momento muito oportuno, no qual se debate com mais atenção a imprescindibilidade de uma forma de economia baseada na destruição dos recursos do planeta e, por conta disso, ele pode ser considerado tanto como um alerta para o futuro, quanto para o vigor do conhecimento produzido na universidade.

Nota

1. Recuperado de: <https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarPrograma.do?id=54463>
-

Referências

Lamoso, L. P. (2017). Os territórios da mineração sob a lógica da acumulação financeira no capitalismo contemporâneo. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, 21(3), 718-736.

Rezende, V. L. (2016). A mineração em Minas Gerais: Uma análise de sua expansão e os impactos ambientais e sociais causados por décadas de exploração. *Sociedade & Natureza*, 28(3), 375-384.

Saraiva, L. A. S. (2017). A construção do fim do mundo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(9), 1-13.

Zhourri, A. (2018). *Mineração: Violências e resistências: Um campo aberto à produção do conhecimento no Brasil*. Marabá: iGuana/ABA.

Como citar esta resenha:

Saraiva, L. A. S. (2017). Resenha do livro “Violações de direitos e danos ao projeto de vida no contexto da mineração”. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 11(1), 261-263. <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/11257/pdf>
